



A CIÊNCIA ENQUANTO PROCESSO: UM CASO DE DIVULGAÇÃO¹

Giovanna Benedeto Flores²
Marci Fileti Martins³
Solange Maria Leda Gallo⁴
Silvânia Siebert⁵

Resumo: O trabalho reflete sobre a produção do conhecimento científico na contemporaneidade discutindo especificamente os modos como esse conhecimento circula e como é divulgado. Estamos interessados no que se denomina divulgação científica, espaço social com forte injunção da mídia, em que, segundo alguns autores, o conhecimento científico “sai” de seu lugar “originário” e vai produzir sentidos no cotidiano dos não especialistas. Para isso, trazemos para a discussão a proposta de divulgação da Revista Laboratório Ciência em Curso. A proposta da Revista é divulgar a ciência através de um site, em que a multiplicidade de meios como áudio, vídeo, texto, links possibilitem significar a ciência de modo não linearizado. Além disso, buscamos problematizar a forma de divulgação de ciência feita pelo jornalismo científico, já que o que se vê, hoje, nos materiais de divulgação de ciência, é uma tendência a fazer prevalecer os conhecimentos da própria mídia sobre ciência.

Palavras-chave: Análise do Discurso; divulgação científica; Revista Laboratório Ciência em Curso.

INTRODUÇÃO

A Revista Laboratório Ciência em Curso⁶ é o espaço em que buscamos compreender e refletir sobre os procedimentos envolvidos no trabalho de divulgação científica. A proposta da Revista-laboratório é divulgar a ciência através de um site em que a multiplicidade de meios como áudio, vídeo, texto, links possibilitem uma interação do interlocutor com os sentidos da ciência de modo não linearizado.

Além disso, busca problematizar a forma de divulgação de ciência feita pela mídia de massa, já que o que se vê, hoje, nos materiais de divulgação de ciência, é uma tendência a fazer prevalecer os conhecimentos da própria mídia sobre ciência. A ciência, na maioria dessas matérias, é mostrada noticiosamente, o que traz como consequência um apagamento do processo científico. De fato, ao mostrar a ciência como notícia, des-

¹ Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Comunicação, Cultura e Mídia – COMCULT de 12 a 15 de novembro de 2008 no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul.
E-mail: giovanna.flores@unisul.br.

³ Docente da Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, RO, Brasil.
E-mail: marci.filetimartins@facebook.com.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul.
E-mail: solange.gallo@unisul.br.

⁵ Docente do Curso de Comunicação Social da Unisul. E-mail: silvania@cinemaistv.com.br.

⁶ Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/index.html>.



tacando, por exemplo, somente o momento da descoberta de uma vacina enquanto “furo de reportagem” (produto), o jornalista apaga todo o percurso pelo qual passou o cientista e sua pesquisa (processo), até chegar ao momento da “descoberta” da vacina. Além disso, a mídia reproduz certos sentidos sobre ciência que reafirmam o seu lugar como produtora de sentidos absolutos e inequívocos.

Dessa perspectiva, então, estamos propondo uma revista de divulgação de ciência que tem como objetivo experimentar novas formas de divulgação. E o fazemos a partir da perspectiva teórica e metodológica da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1969, 1975; ORLANDI, 1999, 2003) em que compreendemos as formas de linguagem enquanto discurso, ou seja, como espaço de constituição do sujeito e do sentido, espaço este que se constitui na relação entre linguagem, história, política e ideologia. Dessa perspectiva, o jornalismo, a ciência e a própria divulgação são considerados discursos e são constituídos, cada um deles, por suas condições de produção (históricas e político-ideológicas) e por seus sujeitos.

Destacamos ainda, que, como a posição do sujeito que faz a divulgação, neste caso, não está inscrita no discurso jornalístico predominantemente, mas sim, no discurso acadêmico-científico, o foco recai muito mais no modo de fazer pesquisa, cuja divulgação tem fins educativos, do que nos produtos das pesquisas. Por outro lado, o trabalho de divulgação, neste caso, é ele próprio uma pesquisa que vai se desenvolvendo de forma processual. Assim, pretendemos dos dois lados, tanto no Discurso Científico “de origem”, quanto no Discurso de Divulgação, dar ênfase no processo e não no produto.

ALGUNS FUNDAMENTOS

Entender a linguagem na sua relação com a história é aceitar, segundo Ferreira (2001), que todo acontecimento de linguagem organiza-se a partir de relações de poder e não está ligada a uma cronologia, mas às práticas sociais. Já a ideologia, que é elemento determinante do sentido e está presente em todo discurso, não deve ser entendida como visão de mundo ou como ocultamento da realidade, mas como propõe Orlandi (1999) como mecanismo estruturante do processo de significação. Assim, ideologia, pensada nos termos de Pêcheux (1975), na sua releitura de Althusser (1985), se constitui como uma relação imaginária dos sujeitos com suas condições reais de existência, ou seja, os sujeitos que através da linguagem dão sentido as coisas do mundo, nessa condição naturalizam os sentidos. Dito de outra maneira, o processo que determina as posições sociais dos sujeitos (jornalista, cientistas/pesquisadores, internautas) construídas ao longo da história e através de relações de poder (políticas) é na maioria das vezes, apagado, o que faz com que os sentidos sobre ciência que são aí produzidos se tornem óbvios para nós. Além disso, essas posições “óbvias” para os sujeitos já estão prontas para serem assumidas, assim, quando o jornalista ou o cientista, enquanto sujeitos que são numa sociedade como a nossa, ao serem interpelados pelo discurso do jornalístico e científico, vão produzir sentidos sobre ciência a partir desses lugares já prontos e óbvios.



No caso do discurso jornalístico, o sentido de objetividade aí construído é intencionalmente desdobrado através da manipulação da língua que, enquanto código “sem falhas”, é o instrumento capaz de referencializar a realidade dos fatos, o que constrói, segundo Mariani (1998, p. 72), “o mito da informação jornalística com base noutro mito: o da comunicação linguística”. Este imaginário permite ao sujeito que enuncia (o jornalista) ser “neutro e imparcial” capaz de relatar os acontecimentos, a realidade, para um leitor (o grande público) que, por ser considerado uma “tabula rasa”, precisa receber a informação de forma “clara e objetiva”.

A partir disso, produz-se uma memória da ciência pela mídia e não pela própria ciência e o resultado disso é um simulacro de ciência exposto à “população leiga”, simulacro este que surge como efeito da não explicitação das condições de produção (históricas e ideológicas) da pesquisa científica. Para o sujeito leitor dos materiais jornalísticos, então, a ciência se produz de forma descontextualizada e descontínua. Esse efeito se produz, segundo Gallo (2003), justamente porque a continuidade, quando existe, é resultante de outros textos sobre o mesmo tema publicados anteriormente pela própria mídia, e não, pelo conhecimento da história da ciência e da pesquisa em questão.

Por outro lado, sabemos que o discurso científico também é construído histórica e ideologicamente determinando, que os sentidos sejam construídos processualmente, mas que esse processo seja também apagado. Assim, imaginariamente, o discurso científico, numa sociedade como a nossa, se constitui como um outro “discurso de verdade”, em que através de seus objetivos e de seus métodos considerados ou pela via da razão (ciência cartesiana) ou pela da demonstração (ciência positivista), a ciência está sempre pautada em buscar a “verdade e, àqueles que a manipulam ou mesmo dela se beneficiam, assiste o dever de interpretá-la como tal” (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Contudo, tratando do discurso da ciência, Pêcheux (1988, p. 190) afirma que não é o homem que produz os conhecimentos científicos, mas os homens em sociedade e na história, ou seja, é a atividade humana social e histórica. Conseqüentemente, a produção histórica de um conhecimento científico dado seria o efeito de um processo histórico determinado por certas condições materiais (econômicas, não econômicas, políticas). A neutralidade do discurso científico, assim como, sua legitimidade enquanto discurso da verdade, é, portanto, resultado de um modo de funcionamento de certas relações produção (PÊCHEUX, 1988, p. 190).

A divulgação de ciência enquanto discurso que se estabelece na relação entre o discurso do jornalismo e o da ciência, traz na constituição esse sentido imaginário resultado dessas posições já construídas para a ciência e para o jornalismo. E, portanto, a *Revista Laboratório Ciência em Curso*, mesmo tendo como objetivo “captar a ciência no seu movimento/percurso na busca de um aprofundamento constante, e não como produto acabado e inequívoco”, o que observamos neste exercício efetivo de levar a ciência para o “grande público”, ou melhor, para um leitor que não é um especialista, é a complexidade do processo, pois precisamos construir uma posição discursiva enquanto divulgadores, que nos permita produzir um texto de divulgação que não seja nem hermético e inequívoco se mostrando como uma outra versão de um artigo científico nem tão pouco didático e noticioso como um texto jornalístico.



DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA: REVISTA LABORATÓRIO CIÊNCIA EM CURSO

Nosso trabalho pretende, portanto, ao ressignificar a ciência, destacar o processo, o percurso pelo qual passou o cientista para chegar a seus resultados. Para isso, precisamos nos distanciar tanto do jornalismo científico que transforma o acontecimento científico em espetáculo, como de um discurso da ciência que trata a ciência como um conhecimento acabado (*paper*), gerando um efeito de discurso absoluto, da verdade, neutro.

Ao transformar a ciência em notícia e em *paper*, destacam-se os resultados e se apaga o processo, ou seja, apaga-se as condições de produção que relacionam esse conhecimento de mundo com sua materialidade na história, na sociedade, dentro de um sistema político e econômico.

Ao destacarmos o processo na divulgação de ciência, pretende-se compreender o discurso da ciência através das suas condições de produção, através do resgate da sua historicidade. Busca-se com isso desfazer a evidência do fato científico entendido tanto como um resultado apenas, quanto como um processo infalível e absoluto, mostrando que existem acertos e erros que constituem o processo do qual o fato científico é resultado. Esse entendimento vai se refletir no discurso de divulgação que, como já dissemos, vai destacar o processo do fazer científico. Além disso, estamos interessados na compreensão do nosso próprio lugar enquanto divulgadores, ou seja, inscritos em um discurso acadêmico científico.

A partir desse posicionamento, dessa nossa tentativa de construir um lugar de divulgadores que, de certa maneira é um lugar polêmico com relação a uma divulgação de ciência aí estabelecida, estamos fazendo um trabalho que se organiza a partir de algumas estratégias. A *hipertextualidade* é uma delas, em que a multiplicidade de mídias: áudio, vídeo, texto, janelas/links possibilita uma interação do interlocutor com os sentidos (da ciência) de modo não linearizado. Assim, a opção por trabalhar com a Internet não é contingência, já que acreditamos que esse espaço, pelas possibilidades que surgem tanto a) da organização do conhecimento como uma rede, quanto b) da rapidez e da quantidade do conhecimento aí produzido, pode ser bastante produtivo para os nossos propósitos.

Outro recurso é a utilização da *linguagem imagética* (vídeos e fotos, forma gráfica) que aproxima a produção dos materiais da Revista de certa emergência de sentidos da sociedade contemporânea, em que a imagem parece destacar-se. Contudo, busca-se trabalhar na relação entre os recursos expressivos, ou seja, na união do texto e da imagem no espaço virtual buscando a compreensão da linguagem imagética naquilo que lhe é constitutivo, assim como, na sua relação com o texto no espaço virtual. Nessa perspectiva o *design* da Revista se diferencia da forma usual das interfaces de sites da internet proporcionando uma navegação através da qual o internauta escolhe a sua rota intensificando a não linearidade do hipertexto. Além disso, o *design* em espiral pretende, através da forma, remeter ao sentido de ciência que queremos destacar: o processo científico em constante transformação.

Destacamos nessas estratégias a *produção do material audiovisual*, que é feita de forma a abordar o tema de forma contextualizada, parte-se do tema de pesquisa que se



apresenta inicialmente como argumento para um debate maior que se desenvolverá no decorrer do tempo. Na divulgação do Grupo de Pesquisa Patrimônio Histórico e Cultural⁷ partimos de uma pesquisa específica desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa que se desenvolveu em uma discussão sobre: a constituição da arqueologia enquanto ciência; questões envolvendo o resgate e preservação da memória cultural; uma hipótese da pesquisadora envolvendo duas questões bem específicas da pesquisa arqueológica em Santa Catarina; e o que a História tem a ver com tudo isso.

A produção dos materiais sem “roteiro fechado” se dá quando a entrevista é direcionada para funcionar como uma “conversa”, deixando que o pesquisador assuma certo controle do assunto discutido, ou seja, ele pode usar o tempo e o percurso que desejar. Dessa perspectiva, produzimos já um certo afastamento do modo de produção do jornalismo tradicional em que há um trabalho no sentido de moldar o acontecimento científico pelas “perguntas chaves” feitas ao entrevistado.

Uma outra estratégia é o trabalho com o discurso artístico que pela sua qualidade polissêmica, segundo Nunes e Martins (2007), pode ser produtivo nesta busca de re-significação dos sentidos da ciência e do jornalismo, na medida em que pode evidenciar a contradição entre sentidos incertos e mutáveis (do artístico) e sentidos estabilizados (da ciência e do jornalismo). Dessa perspectiva, a linguagem artística sustenta os materiais divulgados “através a) das potencialidades polissêmicas que funcionam expandindo ao máximo o processo de significação e b) da linguagem do documentário, a qual permite estabelecer uma relação dialógica entre documentado (entrevistado) e documentarista (entrevistador) e uma posição autoral para o divulgador” (NUNES; MARTINS, 2007, p. 5).

O vídeo que se denomina “um espaço irreverente”⁸ produzido para divulgar o Programa Hipermídia, projeto do Curso de Comunicação Social, especialização em Cinema e Vídeo da Unisul, é um caso exemplar no que se refere ao atravessamento do discurso artístico, pois as potencialidades polissêmicas estão nesse material, funcionando de maneira a abrir ao máximo o processo de significação. O vídeo, que traz uma profusão de imagens e uma trilha sonora e se constitui de forma não linearizada, produz efeitos sentido ambíguos rompendo com significações estabilizadas.

Assim, constituído, o vídeo dificulta ao sujeito internauta produzir espaços significativos naturalizados e estabilizados. Contudo, o trabalho com o artístico que resultou num audiovisual, que poderíamos chamar de “performático”, se deve também à própria característica do grupo de pesquisa divulgado⁹. É por isso, que Nunes e Martins (2007, p. 6) destacam que processo de divulgação de ciência se constitui numa linha limítrofe que organiza tanto o lugar do cientista/especialista, do não especialista e o nosso próprio lugar enquanto divulgadores. “E nesse entremeio, podemos re-significar a ciência na exata medida em que depois do nosso trabalho ela não se transforme em ‘outra coisa’”.

Decorre daí a ideia de que a linguagem utilizada para a produção dos materiais de divulgação necessita ser singular no sentido de que deve poder resgatar as condições de produção (históricas e ideológicas) que constituem o tema divulgado. Sendo assim, nem sempre o elemento lúdico, artístico, com as características apontadas anteriormente, vai

⁷ Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/arqueologia.html>

⁸ Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/hipermidia01.html>

⁹ Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/hipermidia02.html>



responder as essas expectativas. Assim, uma discussão que, também, vislumbramos com nossa pesquisa é questionarmos sobre a relação entre a forma da linguagem de divulgação e a área de conhecimento a ser divulgado. Dito de outra maneira, é possível afirmarmos, por exemplo, que as ciências exatas que se diferenciam das ciências humanas, vão ser melhor interpretadas por uma certa forma de linguagem divulgação e não por outra?

Já a relação entre a arte, ciência e divulgação, experimentada através da linguagem do documentário¹⁰ pode ser observada no vídeo “vestígios cerâmicos”¹¹ produzido para divulgar o Núcleo de Pesquisa Patrimônio Histórico e Cultural, do curso de História da Unisul. Trata especificamente, de um trabalho de campo junto a um conjunto de sambaquis que estava sendo escavado por uma equipe de arqueólogos, no sul de Santa Catarina.

Procuramos mostrar, nesse material, através da observação e da interação¹², o processo que constitui a pesquisa científica tanto através da nossa aproximação dialógica com a pesquisadora, quanto pelo destaque as dúvidas e incertezas que envolvem um trabalho de pesquisa. Para isso, a estratégia desenvolvida foi aquela do trabalho sem um “roteiro fechado”, ou seja, a gravação dos vídeos e as entrevistas não seguiram um roteiro (falas/imagem) já definidos *a priori*. Através do registro observativo, em que a ordem temporal linear dos acontecimentos regem o registro, pudemos mostrar certos aspectos da pesquisa em seu desenvolvimento, quando, durante nossa permanência no sítio arqueológico, registramos os momentos em que aconteceram algumas descobertas, como por exemplo, o momento quando os pesquisadores encontraram um crânio e algumas peças de cerâmica. Esses últimos artefatos, quando encontrados pela equipe, causaram confusão, pois não se esperava encontrar cerâmica num sambaqui:

Existia ali, algo que não se encaixava, que estava fora de lugar, o que gerou uma situação de incerteza. A pesquisadora demonstra essa dúvida dizendo: “agora deu um nó na cabeça”. Estávamos então, pesquisadores e divulgadores frente a algo inusitado, ou seja, com arqueólogos que se confrontavam com uma contradição sobre a história de sua pesquisa, a qual parecia já estabelecida. Esse fato revela um sentido de ciência, em que é necessário levar em conta que o seu percurso está suscetível a dúvidas e a equívocos. Consequentemente, vemos aí, o processo que queremos evidenciar, que a pesquisa

¹⁰ Segundo Nunes e Martins (2007) o documentário é uma forma de expressão, que apesar de lidar com uma certa representação do real, diferentemente do modo como com os materiais fílmicos de ficção o fazem, está também intrinsecamente ligada à “manipulação” desta mesma realidade, já que está aberta a subjetividade e a autoria. Podemos dizer, portanto, que a linguagem do documentário se constitui, por isso, através de uma aproximação com o discurso artístico.

¹¹ Disponível em: <<http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/arq03.html>>.

¹² Dos subgêneros do documentário propostos por Nichols (apud YAKHNI, 2003), destaca-se aqui, os documentários observativo e interativo. Segundo o autor, o documentário observativo parte do princípio da não intervenção. Nesse caso, os acontecimentos regem todo o registro e por isso, a edição, nesta modalidade, obedece a uma estrutura dos acontecimentos de modo a manter a sua continuidade espaço-temporal. Já o documentário interativo ou cinema direto rompe com a barreira da não intervenção enfatizando a presença do realizador e, portanto, da relação dialógica entre o documentado e o documentarista. Este estilo de documentário surge junto ao com o som no cinema que possibilitou a exclusão da voz em *over/off* e a captação da fala em sua espontaneidade. O cinema direto dava a palavra ao outro e dava a palavra ao próprio realizador, que podia intervir com sua voz em *off*, por exemplo. Nesta modalidade, o diálogo era parte fundamental da constituição do documentário.



científica é vulnerável e feita sob hipóteses e não constituída por verdades absolutas. Não é um produto apenas, como supõe o jornalismo (NUNES; MARTINS, 2007, p.8).

A linguagem audiovisual interativa, por sua vez, abre para o diálogo, já que o ao garantirmos que a pesquisadora assuma certo controle do assunto discutido, ou seja, possa usar o tempo e o percurso que desejar e não dê uma entrevista do tipo pergunta/resposta, pudemos vê-la circulando pelas escavações interagindo com o seu grupo de pesquisa e conosco divulgadores. O resultado obtido aproxima o vídeo da espontaneidade de uma conversa.

A linguagem do documentário utilizada enquanto forma de expressão que potencializa a criatividade e autoria pode ser observada no vídeo “afastou de suas tradições”¹³, produzido para divulgar o Núcleo de Pesquisa Urbanização Litorânea e Impacto Ambiental, que discute as problema da ocupação desordenada das costas litorâneas do estado de Santa Catarina, nesse caso, pela construção de um aterro na área costeira sul da ilha de Florianópolis. Nesse material, destacamos, ao invés da voz do cientista, outras vozes, aquelas dos moradores da região, uma comunidade de pescadores que, em consequência dessas mudanças ambientais, viram suas antigas áreas de pesca desaparecerem.

De acordo com Nunes e Martins (2007), a subjetividade do divulgador deve compor o material divulgado, mas sem que esse lugar de autoria, e consequente criatividade, impeça o resgate das condições histórica e sociais do tema por ele divulgado. Assim, para garantir esse efeito de criatividade e, por conseguinte, polissemia, optamos por produzir um vídeo através de planos diferenciados, escolhendo enquadramentos com efeito dramático e fazendo as entrevistas em locais pouco convencionais, chamando a atenção para uma forma de desconstrução da entrevista tradicional. Além disso, o tema a ser divulgado vai ser apresentado de forma polêmica através das varias vozes dos entrevistados.

O vídeo se inicia com uma foto do por do sol no bairro da Costeira antes do aterro, onde se vê a silhueta de um pescador em seu barco e, logo em seguida, temos a entrevista de um pescador antigo da região falando sobre as dificuldades enfrentadas por eles depois da construção do aterro. Com a contraposição da foto com a as imagens da entrevista do pescador, buscou-se um efeito de composição em que se evidenciasse o confronto entre o tema divulgado: a identidade cultural e processo de urbanização. De fato, temos uma imagem de um homem que pesca, para logo em seguida desconstruir esse sentido através do choque de se saber pela fala de um pescador de idade avançada que ali não se pesca mais. Ao mesmo tempo, segundo as autoras, o vídeo proporciona uma sensação de nostalgia quando este mesmo entrevistado fala de um tempo em que aquela fotografia poderia fazer sentido. O close no rosto do velho, a luz que ressalta suas rugas nos proporciona ainda mais essa sensação de tempo perdido.

O vídeo se desenvolve com uma segunda entrevista, agora com uma senhora, esposa de pescador que foi encontrada em uma padaria do local. Sua fala complementa a do pescador e ressalta a dificuldade econômica gerada pelo fim da pesca na região. Mas o que destacamos, nessas imagens, é o local inusitado da entrevista e a atitude despojada da entrevistada perante a câmera: ela não esconde seus trejeitos e fala de modo incisivo, o que não é usualmente registrado em uma entrevista jornalística, por exemplo.

¹³ <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/bio03.html>



O último entrevistado, um gerente de uma empresa de beneficiamento de peixe também no mesmo bairro, foi apresentado, primeiramente, através do áudio, ou seja, introduzimos sua voz sob a imagem dos peixes sendo beneficiados. Evidentemente, essas imagens se contrapõem às afirmações do pescador e da mulher na padaria, pois mostra uma outra realidade, ou seja, a da pesca em grande escala. A destacarmos a falta de peixe, através da voz dos dois primeiros entrevistados para logo em seguida mostrar esses peixes em quantidade, buscamos através de uma ruptura evidenciar, o que foi a pesca na região e o que é a pesca na região na atualidade. O vídeo encerra com uma fotografia do bairro da Costeira na atualidade, dando noção da dimensão da obra e, ao mesmo tempo, que reafirma, de algum modo, os dizeres do gerente da empresa, mostram-se também em contradição com os sentidos da fotografia do pescador ao por do sol, no início do vídeo.

Nesse vídeo, destaca-se como a montagem da sequencia dos planos gerou sentido, que se deu através da contraposição de imagens através do “efeito de choque”, no sentido Eiseinsteiniano da montagem dialética, em que o efeito de sentido de uma imagem e, neste caso, também de uma entrevista, colocada junto à outra gera um sentido que potencializa o discurso a ser transmitido:

Deste modo a manipulação da montagem é evidenciada e por isso evidenciamos o nosso papel como autores, em que não se procura enquanto autor uma transparência ou uma imparcialidade. Temos então, como já dissemos, uma desconstrução do modelo tradicional de entrevistas feita pelo jornalismo e entendemos que o rompimento com esse padrão possibilita um uso mais criativo da imagem, o que potencializa nossa busca por um tipo de divulgação de ciência que tenha seus sentidos mais abertos e consequentemente permita ao interlocutor uma relação mais reflexiva com o material de divulgação (NUNES; MARTINS, 2007, p.9).

Partindo daí, ao buscarmos re-significar a ciência destacando o percurso pelo qual passou o cientista para chegar a seus resultados, precisamos levar em consideração que o processo da produção de conhecimento, contemporaneamente, pode estar se constituindo de forma heterogênea, tanto através das vozes do cientistas/especialista quanto dos “outros” (não especialistas; divulgadores).

ALGUNS ENCAMINHAMENTOS

A *Revista Laboratório Ciência em Curso* é, como explorado nesse trabalho, o resultado de uma reflexão sobre a produção/circulação do conhecimento científico que combina, necessariamente, análise crítica das propostas envolvendo as práticas do jornalismo científico contemporaneamente. De tal modo, a partir dessas reflexões levamos em consideração, nos termos de Gallo (2003), o sujeito enquanto uma posição necessariamente limitada por um contexto histórico e social, ou seja, constituído por e num discurso. Sendo assim, o que deve ser decisivo nas práticas de divulgação de ciência não é somente o tipo de meio de comunicação utilizado (a videoconferência, a internet, a televisão, as mídias impressas, etc.), mas a concepção de linguagem que permeia o processo. Citando Orlandi (1993), “o leitor não interage com o texto, mas com outro sujeito [...] nas relações sociais, históricas, ainda que mediadas por objetos” (como o texto).



Ficar na objetividade do texto, no entanto, é fixar-se na mediação, absolutizando-a, perdendo a historicidade dele, logo sua significância.

Assim, ao incidirmos nessa forma de constituição dos textos de divulgação em que destacamos o processo do fazer científico, acreditamos torná-los mais consequentes do ponto de vista histórico, político e social. Para isso, ao contrário de se considerar um emissor, um receptor, uma mensagem transmitida por um código num texto de divulgação de ciência, consideramos que o discurso é lugar de constituição do sujeito e do sentido, o lugar de constituição das identidades através de suas relações com a história, política e ideologia.

A relevância dessa pesquisa para a área científica/educacional, e por que não para a própria mídia, é, então, bastante evidente, já que são as instituições acadêmicas, juntamente com os seus centros tecnológicos, lugares institucionalizados para a produção de ciência no mundo e a mídia a responsável pela sua “publicização”. Além disso, ao se verificar que o mundo moderno deu à ciência, de certa forma, a incumbência de encontrar soluções para os problemas da sociedade, é especialmente importante buscar compreender como se dá o funcionamento da produção e circulação desse saber científico, que é parte constitutiva da sociedade. Pensar, portanto, sobre divulgação científica e suas condições de produção implica refletir sobre a indissociabilidade entre ciência, tecnologia e administração (Governo/Instituições de Ensino), ou seja, leva-nos a refletir por um lado sobre a relação do Estado e da Escola na produção de conhecimento e, por outro, leva-nos a refletir também sobre o papel da mídia na sociedade, especificamente, com o Estado e com a Ciência.

Contudo, como já destacamos a divulgação de ciência que se constitui na relação entre o discurso do jornalismo e o da ciência, traz na sua constituição sentidos imaginários resultado dessas posições já construídas tanto para a ciência quanto para o jornalismo. Ao buscarmos na *Revista Laboratório Ciência em Curso*, uma posição que desestabilize esses sentidos nos deparamos com a complexidade do processo, já que essa posição discursiva de divulgadores não está pronta. Assim, é interessante salientar que nesse processo, podemos estar sendo determinados enquanto divulgadores pelos discursos do qual queremos nos afastar. O primeiro grupo de pesquisa divulgado estava quase inteiramente determinado pelo discurso jornalístico na sua forma mais noticiosa, embora já tivéssemos a intenção de nos diferenciarmos desse lugar discursivo. Ao darmos a palavra ao pesquisador para que ele falasse sobre sua pesquisa e ao mesmo tempo se distanciasse do discurso científico absoluto e inequívoco, o colocamos em uma situação enunciativa idêntica a de um repórter de rua. O vídeo “capaz de dar identidade” ilustra esse modo de divulgação¹⁴. Outro material, por sua vez, já mostra o pesquisador não como um repórter, mas como um professor e o didatismo do discurso pedagógico foi o sentido predominante. Nosso trabalho, assim, é um processo de experimentação em que a pesquisa sobre linguagem, discurso e divulgação de ciência é ainda provisória.

¹⁴ Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/cienciaemcurso/revista/ts01.html>

**REFERÊNCIAS**

- GALLO, Solange L. A Educação à distância em uma perspectiva discursiva. In: *Revista ANPOLL*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. v. 31. p. 58-59.
- GUIMARAES, Eduardo (org). *Produção e Circulação do Conhecimento*. volumes 1 e 2. Campinas: Pontes, CNPq/ Pronex e Núcleo de Jornalismo Científico, 2001/2003.
- LAVILLE, Chistian.; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *Contemplação do Mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MARTINS, Marci Fileti. Divulgação científica e a heterogeneidade discursiva: análise de “Uma breve história do tempo” de Stephen Hawking. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 6, n. 2, Tubarão, 2006.
- _____. O que pode e deve ser dito no discurso de divulgação de ciência: Nós precisamos da incerteza, é o único modo de continuar. In: *III SEAD*. Porto Alegre, 2007.
- MARIANI, Bethânia. *O PCB e a Imprensa: O comunismo imaginário, práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- NUNES, Maria Augusta V.; MARTINS, Marci Fileti. O discurso artístico na constituição dos materiais de divulgação de ciência: *Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*, v. 3, p. 1-6, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *Discurso e Leitura*. Editora Cortez, 2. ed. São Paulo, 1993.
- _____. Divulgação Científica e Efeito Leitor: Uma Política Social e Urbana. In: Eduardo Guimarães (org.). *Produção e Circulação do Conhecimento*. v. 1. Campinas: Pontes, CNPq/ Pronex e Núcleo de Jornalismo Científico, 2001.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Editora Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- VOGT, C. A. (Org.) . *Cultura científica: desafios*. São Paulo: Editora da USP / Fapesp, 2006.

Recebido em 05 abr. 2012. Aprovado em 07 out. 2012.

Abstract: *The paper reflects about the production of scientific knowledge in contemporary specifically discussing the ways which knowledge circulates and as it is disclosed. We are interested in what is denominated science communication, social area with a strong order of the media, where, according to some authors, the scientific knowledge “leaves” in its place “original” and will make sense in the way of daily non-specialists. For this, we bring to discuss the proposed disclosure in the Science Laboratory Course Magazine (<http://www.cienciaemcurso.unisul.br>). The proposal of the magazine is to disseminate science through a website, where the multiplicity of media like audio, video, text and links allow meaning the science in non-linear way. Also, the research discusses about the form of dissemination of science by the scientific journalism, because what we see today, in the divulgations of science materials; it is a tendency to give priority to the knowledge of the media on science.*

Keywords: *Discourse Analysis; Scientific Dissemination; Science Laboratory Course Magazine.*